

+ **Revista**  
**de**  
**Comunicação**  
**Científica: RCC**



**ARTIGO**

**ALFABETIZAR NA DIFERENÇA: UMA ETNOGRAFIA DE SI SOBRE AUTISMO, ALFABETIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA DOCENTE NO PROGRAMA ALFABETIZA MT**

*Literacy through difference: a self-ethnography on autism, literacy, and teaching experience in the alfabetiza MT program*

*Alfabetizar en la diferencia: una autoetnografía sobre autismo, alfabetización y experiencia docente en el programa alfabetiza MT*

**Maria Ferreira de Almeida Oliveira**

Professora da rede municipal de ensino de Diamantino-MT.

Orcid:

E-mail: marianeta9404@gmail.com

**João Carlos Gomes**

Professor da Universidade Federal de Rondônia —  
Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em  
Rede Nacional (PROFEI).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1281-2041>

E-mail: joaoguito@unir.br

Como citar este artigo:

GOMES, João Carlos & OLIVEIRA, Maria Ferreira de Almeida. Alfabetizar na diferença: uma etnografia de si sobre autismo, alfabetização e experiência docente no programa alfabetiza MT. **Revista de Comunicação Científica: RCC**, Cuiabá, v. 8, n. 21, jan-abril, p. 64-83, 2026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume 8, número 21 (2026)  
ISSN 2525-670X



**ALFABETIZAR NA DIFERENÇA: UMA ETNOGRAFIA DE SI SOBRE AUTISMO, ALFABETIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA DOCENTE NO PROGRAMA ALFABETIZA MT**

*Literacy through difference: a self-ethnography on autism, literacy, and teaching experience in the alfabetiza mt program*

*Alfabetizar en la diferencia: una autoetnografía sobre autismo, alfabetización y experiencia docente en el programa alfabetiza MT*

**Resumo**

Este artigo apresenta uma etnografia de si baseada na experiência como professora alfabetizadora no 2º ano do ensino fundamental em Diamantino (MT). A reflexão nasce do cotidiano docente no âmbito do Programa Alfabetiza MT. O foco é compreender a alfabetização como espaço de práticas pedagógicas inclusivas diante de estudantes com TEA. A investigação surge a partir da leitura do texto "Todos", de Ruth Rocha. A atividade provocou discussões sobre diferenças humanas e de aprendizagem entre os alunos. Metodologicamente, adota-se a etnografia de si, inspirada na abordagem autobiográfica de António Nóvoa. A narrativa da experiência é tratada como produção de conhecimento pedagógico. Conclui-se que a alfabetização pode promover inclusão quando mediada por literatura, diálogo e convivência.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Educação inclusiva. Autismo. Etnografia de si.

**Abstract**

This article presents a self-ethnography based on the experience as a literacy teacher in the 2nd year of elementary school in Diamantino (MT). The reflection arises from the daily teaching routine within the scope of the Alfabetiza MT Program. The focus is on understanding literacy as a space for inclusive pedagogical practices with students with ASD. The investigation emerges from reading the text "Todos" (Everyone), by Ruth Rocha. The activity provoked discussions about human and learning differences among the students. Methodologically, self-ethnography is adopted, inspired by the autobiographical approach of António Nóvoa. The narrative of the experience is treated as the production of pedagogical knowledge. It is concluded that literacy can promote inclusion when mediated by literature, dialogue, and coexistence.

**Keywords:** literacy. Inclusive education. Autism. Self-ethnography.

**Resumen**

Este artículo presenta una autoetnografía basada en la experiencia como docente de lectoescritura en segundo grado de primaria en Diamantino (MT). La reflexión surge de la rutina docente diaria en el marco del Programa Alfabetiza MT. El enfoque se centra en comprender la lectoescritura como un espacio para prácticas pedagógicas inclusivas con estudiantes con TEA. La investigación surge de la lectura del texto "Todos" (Todos), de Ruth Rocha. La actividad provocó debates sobre las diferencias humanas y de aprendizaje entre los estudiantes. Metodológicamente, se adopta la autoetnografía, inspirada en el enfoque autobiográfico de António Nóvoa. El habla de los niños se analiza como dato etnográfico central. Se concluye que la lectoescritura puede promover la inclusión cuando está mediada por la literatura, el diálogo y la convivencia.

**Palabras clave:** Alfabetización. Educación inclusiva. Autismo. Autoetnografía.

## **Introdução**

Sou professora alfabetizadora do segundo ano do ensino fundamental na Escola Municipal Castorina Sábio Mendes, localizada no município de Diamantino-MT. Minha prática pedagógica se desenvolve em um contexto escolar marcado por múltiplas diferenças: diferenças de origem social, de experiências culturais e, sobretudo, de ritmos e modos de aprendizagem. A sala de aula, nesse sentido, constitui um espaço heterogêneo, no qual convivem crianças que chegam à escola com diferentes níveis de familiaridade com a linguagem escrita. Algumas já reconhecem letras e palavras, demonstrando certo domínio inicial do sistema de escrita alfabética; outras ainda estão dando seus primeiros passos no processo de alfabetização, descobrindo gradualmente as relações entre sons, letras e significados.

Entre os estudantes que compõem essa turma estão duas crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). A presença desses alunos amplia ainda mais a diversidade presente no cotidiano da sala de aula e exige de mim, como professora, uma constante reflexão sobre as práticas pedagógicas que desenvolvo. Ao longo de minha trajetória docente, compreendi que alfabetizar não significa somente ensinar códigos linguísticos ou desenvolver habilidades técnicas de leitura e escrita. A alfabetização acontece em um espaço social profundamente marcado pelas relações entre os sujeitos, pelas interações que se estabelecem entre as crianças e pelas diferentes formas de aprender que emergem nesse processo.

Mantoan (2003) ensina que a educação inclusiva implica reconhecer que os alunos aprendem de maneiras diferentes e que a escola precisa reorganizar suas práticas para atender a essa diversidade. Já para Nóvoa (1992), a formação docente se constrói a partir de um processo contínuo de reflexão crítica sobre as práticas, no qual o professor analisa suas experiências e produz saberes a partir delas.

Nesse sentido, a etnografia de si compreende a experiência docente como objeto de análise e reflexão. Ao narrar episódios vividos no cotidiano da sala de aula, procuro compreender como as interações entre as crianças e as práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização podem contribuir para a construção de uma cultura escolar mais inclusiva.

A experiência que deu origem a este estudo ocorreu durante uma atividade de leitura do texto “**Todos**”, de Ruth Rocha, frequentemente utilizado em contextos escolares para abordar temas como diversidade, respeito e convivência. A proposta inicial da atividade era relativamente simples: realizar uma leitura compartilhada do texto e promover uma conversa com os alunos sobre as diferenças entre as pessoas.

No entanto, o que inicialmente parecia somente mais uma atividade de alfabetização acabou se transformando em um momento significativo de reflexão coletiva sobre diversidade e aprendizagem. Durante a leitura e a conversa que se seguiu, os próprios estudantes começaram a comentar as diferenças que observavam entre si, não apenas em relação a características físicas, mas também em relação às maneiras de aprender. Em determinado momento, um aluno afirmou que “ninguém aprende igual”, observação que desencadeou uma série de comentários entre as crianças sobre os diferentes ritmos de aprendizagem presentes na turma.

Esse episódio despertou em mim a percepção de que a sala de aula pode se constituir como um espaço privilegiado para observar como as crianças constroem interpretações sobre a diversidade humana e sobre os processos de aprendizagem. Ao revisitar essa experiência, percebi que as falas dos estudantes não eram apenas comentários espontâneos, mas expressões de significados construídos coletivamente no contexto das interações escolares.

A partir dessa constatação, passei a registrar e analisar com mais atenção os diálogos que emergiam nas atividades pedagógicas, buscando compreender como a convivência entre crianças com diferentes modos de aprender — incluindo estudantes com Transtorno do Espectro Autista — contribuía para a construção de percepções sobre diversidade, inclusão e aprendizagem.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva etnográfica da prática docente, como uma atividade de leitura literária pode se tornar um espaço de reflexão sobre diferenças de aprendizagem no contexto da alfabetização. Ao narrar e analisar episódios vividos em minha própria sala de aula, procuro contribuir para a discussão sobre práticas pedagógicas inclusivas e sobre o papel da literatura infantil na construção de valores relacionados à convivência e ao respeito às diferenças.

### Abordagem metodológica

Este estudo insere-se no campo das pesquisas qualitativas em educação e adota como fundamento metodológico a etnografia de si, perspectiva investigativa que toma a experiência do próprio pesquisador como campo de observação e análise. Nesse tipo de abordagem, o pesquisador não ocupa uma posição externa ao fenômeno investigado, mas encontra-se implicado na realidade que analisa. No caso deste estudo, a investigação emerge da própria prática docente e das interações cotidianas vividas no espaço da sala de aula.

A escolha dessa abordagem dialoga com a perspectiva da autobiografia profissional docente, amplamente discutida por António Nóvoa. Para o autor, compreender a profissão docente exige reconhecer que os saberes do professor são construídos a partir da experiência vivida, sendo a reflexão sobre a prática um elemento central do processo formativo. Nesse sentido, “a formação não se constrói por acumulação de cursos, mas por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas” (Nóvoa, 1992, p. 25).

Essa perspectiva também dialoga com a tradição da pesquisa etnográfica em educação, que busca compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências no contexto social em que vivem. Como afirma Geertz (2008, p. 15), a etnografia consiste em interpretar os sistemas de significados construídos nas interações sociais. No contexto desta pesquisa, esses significados emergem das relações estabelecidas entre os estudantes e das práticas pedagógicas desenvolvidas no processo de alfabetização.

No desenvolvimento desta investigação, os registros narrativos da prática docente foram produzidos a partir de observações realizadas no cotidiano das atividades pedagógicas, especialmente durante momentos de leitura, escrita e diálogo em sala de aula. Esses registros constituíram o material empírico que orientou a análise dos episódios etnográficos apresentados neste estudo.

Como estratégia de apoio ao processo de sistematização e organização da análise, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial generativa, em especial o **ChatGPT**, como recurso auxiliar na revisão textual, na organização da narrativa acadêmica e na estruturação da análise interpretativa dos dados. O uso dessa

tecnologia ocorreu exclusivamente como instrumento de apoio metodológico, contribuindo para a revisão da escrita, para a coerência argumentativa do texto e para a organização da narrativa etnográfica de acordo com os objetivos do artigo. A interpretação dos dados, bem como as reflexões analíticas sobre os episódios descritos, permanecerá fundamentada na experiência docente da pesquisadora e no referencial teórico mobilizado na pesquisa.

A elaboração e o desenvolvimento deste estudo foram realizados sob a orientação do Professor Dr. João Carlos Gomes, docente e pesquisador da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), vinculado ao Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI). Nesse contexto acadêmico, a pesquisa articula prática docente e investigação científica, buscando compreender como o cotidiano da alfabetização pode produzir conhecimentos relevantes para o campo da educação inclusiva.

Assim, a etnografia de si constitui o eixo metodológico que orienta este estudo, permitindo analisar a prática pedagógica a partir da experiência vivida pela professora-pesquisadora. Ao transformar episódios do cotidiano da sala de aula em narrativas analíticas, a pesquisa procura compreender como as interações entre os estudantes e as práticas pedagógicas mediadas pela leitura literária podem contribuir para a construção de ambientes educativos mais inclusivos.

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa de natureza interpretativa, com abordagem etnográfica da prática docente. A investigação assume o formato de relato de experiência com base na etnografia de si, no qual a professora-pesquisadora analisa episódios vividos em sua própria prática pedagógica.

O universo da pesquisa corresponde ao contexto da prática docente desenvolvida na Escola Municipal Castorina Sábio Mendes, localizada no município de Diamantino, estado de Mato Grosso.

A investigação foi realizada em uma turma do segundo ano do ensino fundamental, composta por crianças em processo de alfabetização com diferentes níveis de desenvolvimento da leitura e da escrita. Entre os estudantes da turma encontram-se duas crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista

(TEA), ampliando a diversidade de ritmos e formas de aprendizagem presentes no grupo.

Esse contexto de heterogeneidade constitui um elemento central da investigação, uma vez que permite observar como as diferenças de aprendizagem são percebidas e interpretadas pelas próprias crianças no cotidiano da sala de aula.

### **Produção dos dados**

A produção dos dados ocorreu a partir de registros reflexivos elaborados pela professora-pesquisadora durante o desenvolvimento das atividades pedagógicas, especialmente aquelas relacionadas ao trabalho com textos literários no processo de alfabetização. Esses registros foram produzidos após as aulas, com base na observação das interações entre os estudantes e na memória dos diálogos ocorridos durante as atividades.

Os dados analisados neste estudo incluem:

- ✓ Registros narrativos da prática docente;
- ✓ Reconstrução de diálogos entre estudantes ocorridos durante as atividades de leitura e escrita;
- ✓ Observações sobre as interações sociais entre as crianças no contexto da sala de aula.

Entre as situações analisadas, destaca-se uma atividade de leitura do texto “Todos”, de Ruth Rocha, que desencadeou reflexões espontâneas entre os alunos sobre diferenças humanas e diferenças de aprendizagem.

Esses episódios foram registrados e posteriormente organizados em forma de narrativas etnográficas, constituindo o material empírico da pesquisa.

### **Análise e interpretação dos dados.**

A análise dos dados foi realizada a partir de uma abordagem interpretativa, buscando compreender os significados presentes nas falas e nas interações das crianças no contexto das práticas de alfabetização desenvolvidas em sala de aula. Essa abordagem parte do pressuposto de que os processos educativos não podem

ser compreendidos apenas por meio da observação de comportamentos ou resultados de aprendizagem, mas exigem a interpretação dos sentidos que os sujeitos atribuem às suas experiências no ambiente escolar.

As narrativas produzidas a partir dos registros da prática docente foram analisadas como episódios etnográficos, nos quais as falas e interações dos estudantes foram tratadas como indicadores das interpretações que eles constroem sobre o ambiente escolar e sobre os processos de aprendizagem. A organização desses episódios permitiu identificar situações nas quais as crianças expressam percepções sobre as diferenças de aprendizagem presentes na turma, especialmente no contexto da convivência com colegas que apresentam diferentes ritmos e modos de aprender.

Nesse sentido, a análise considera que as interações sociais desempenham papel fundamental na construção do conhecimento. A perspectiva adotada dialoga com a teoria sociocultural de Vygotsky, segundo a qual o desenvolvimento das funções cognitivas ocorre inicialmente no plano social para, posteriormente, ser internalizado pelos indivíduos. Como afirma o autor, “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro no nível social e depois no nível individual” (Vygotsky, 1991, p. 64). Assim, as conversas entre os estudantes e as interações que ocorrem durante as atividades pedagógicas foram compreendidas como momentos de construção coletiva de significados sobre o processo de aprendizagem.

Ao interpretar as falas das crianças, procurei identificar de que maneira elas percebem as diferenças de aprendizagem presentes na turma e como essas percepções se relacionam com a convivência cotidiana entre estudantes com diferentes ritmos de aprendizagem, incluindo alunos com Transtorno do Espectro Autista. A análise buscou compreender como essas interações contribuem para a construção de uma cultura de convivência que reconhece a diversidade como parte integrante do ambiente escolar.

A interpretação dos episódios também foi orientada pelo referencial da educação inclusiva, especialmente pelas contribuições de Mantoan (2003), que enfatiza a necessidade de reconhecer a diversidade como característica constitutiva

da escola. Para a autora, a educação inclusiva implica transformar a organização pedagógica e as práticas escolares para que todos os estudantes possam participar do processo educativo, independentemente de suas diferenças.

Como estratégia complementar de apoio ao processo de sistematização e revisão da análise dos dados, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial generativa, em especial o ChatGPT, como recurso auxiliar na organização textual, na revisão da coerência narrativa e na sistematização analítica dos episódios etnográficos. O uso dessa ferramenta ocorreu na etapa final de elaboração do texto, contribuindo para a revisão da escrita acadêmica, para a estruturação das seções analíticas e para o refinamento da organização argumentativa do artigo.

Do ponto de vista metodológico, a utilização de ferramentas digitais de apoio à escrita científica pode ser compreendida como parte das transformações contemporâneas nos processos de produção do conhecimento acadêmico, desde que seu uso seja transparente e não substitua o processo interpretativo do pesquisador. Neste estudo, a análise dos dados, a seleção dos episódios etnográficos e as interpretações apresentadas permanecem fundamentadas na experiência docente da pesquisadora e no referencial teórico mobilizado ao longo da investigação. A ferramenta de inteligência artificial foi utilizada exclusivamente como apoio técnico para aprimorar a organização textual e a clareza da narrativa acadêmica.

### **Estado da arte**

Nas últimas décadas, a ampliação das políticas de educação inclusiva no Brasil e em diferentes países provoca um crescimento significativo das pesquisas sobre escolarização de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No campo da alfabetização, esse movimento tem sido particularmente relevante, uma vez que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita representa uma etapa fundamental da escolarização e da participação social das crianças.

Historicamente, a escolarização de estudantes com autismo foi marcada por práticas segregadoras e pela crença de que as dificuldades de comunicação e interação social associadas ao transtorno inviabilizariam o acesso pleno ao currículo escolar. No entanto, avanços nas pesquisas educacionais e nas políticas públicas de

inclusão demonstram que crianças com TEA podem desenvolver habilidades de leitura e escrita quando inseridas em ambientes pedagógicos que considerem suas especificidades cognitivas, comunicacionais e sensoriais.

### **Autismo e alfabetização na pesquisa recente**

Nesse contexto, diversos estudos recentes têm buscado compreender como ocorre o processo de alfabetização de estudantes autistas e quais estratégias pedagógicas podem favorecer sua aprendizagem. De modo geral, essas pesquisas apontam que o desenvolvimento da linguagem escrita em crianças com TEA depende fortemente da mediação pedagógica e da organização de práticas de ensino que considerem a diversidade de estilos de aprendizagem presentes na sala de aula.

Ratuchne e Barby (2020), ao investigarem a aprendizagem da linguagem escrita em estudantes com Transtorno do Espectro Autista, destacam que a alfabetização desses alunos não deve ser compreendida apenas como um processo técnico de decodificação da escrita, mas como um fenômeno complexo que envolve aspectos cognitivos, linguísticos e sociais. As autoras observam que práticas pedagógicas estruturadas, associadas ao uso de recursos visuais e estratégias de mediação docente, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da leitura e da escrita em estudantes com TEA. Nesse sentido, as pesquisadoras ressaltam que a atuação do professor desempenha papel central na criação de condições pedagógicas que favoreçam o acesso desses estudantes ao sistema de escrita alfabética.

Outro aspecto frequentemente destacado nas pesquisas refere-se à necessidade de reconhecer que os processos de aprendizagem das crianças autistas podem seguir trajetórias distintas daquelas observadas em estudantes neurotípicos. Diferentes estudos indicam que alunos com TEA podem apresentar habilidades específicas relacionadas à memória visual, à atenção a padrões e ao reconhecimento de símbolos, características que podem ser mobilizadas pedagogicamente no processo de alfabetização. Nesse sentido, estratégias que utilizam recursos visuais, atividades estruturadas e apoio individualizado têm sido apontadas como particularmente eficazes no trabalho pedagógico com estudantes autistas.

Além das estratégias de ensino, outro eixo importante nas pesquisas recentes refere-se à formação de professores para a educação inclusiva. Godoi, Rocha e Leite (2023) destacam que muitos docentes ainda se sentem inseguros diante do desafio de alfabetizar estudantes com necessidades educacionais específicas, especialmente quando não receberam formação adequada para lidar com a diversidade presente na sala de aula. Em seu estudo sobre formação de professores alfabetizadores, os autores argumentam que a inclusão escolar não depende apenas de políticas educacionais, mas também da construção de saberes pedagógicos capazes de orientar práticas docentes sensíveis às diferenças de aprendizagem.

Nesse sentido, a literatura educacional enfatiza que a formação continuada de professores constitui um elemento fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas. A alfabetização de estudantes autistas exige que o professor observe as singularidades de cada aluno, adapte atividades pedagógicas e desenvolva estratégias de mediação que favoreçam a participação de todos os estudantes no processo de aprendizagem.

Outro conjunto de pesquisas recentes analisa o papel do ambiente escolar e das interações sociais no processo de aprendizagem de estudantes com TEA. Estudos indicam que a convivência entre crianças com diferentes modos de aprender pode favorecer o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicacionais e cognitivas, desde que o ambiente escolar seja organizado de forma a promover a participação ativa de todos os estudantes.

Nesse contexto, a sala de aula inclusiva passa a ser compreendida como um espaço de aprendizagem compartilhada, no qual as diferenças não são vistas como obstáculos, mas como elementos constitutivos do processo educativo. A convivência entre estudantes com diferentes ritmos e estilos de aprendizagem pode contribuir para a construção de uma cultura escolar baseada no respeito à diversidade e na cooperação entre os alunos.

Outro aspecto abordado pelas pesquisas recentes refere-se ao papel da linguagem e da interação social no desenvolvimento da aprendizagem. Inspiradas na teoria sociocultural de Vygotsky, diversas investigações apontam que o processo de construção do conhecimento ocorre inicialmente nas relações sociais estabelecidas

entre os sujeitos, sendo posteriormente internalizado pelos indivíduos. Assim, o diálogo entre estudantes, as interações durante atividades pedagógicas e as experiências compartilhadas no cotidiano escolar desempenham papel fundamental na construção da aprendizagem.

Essa perspectiva é particularmente relevante quando se trata da alfabetização, uma vez que o desenvolvimento da leitura e da escrita não ocorre isoladamente, mas no contexto de práticas sociais que envolvem o uso da linguagem em situações significativas. Para estudantes com TEA, essas interações podem representar oportunidades importantes de desenvolvimento, especialmente quando mediadas por práticas pedagógicas que valorizem a participação e o diálogo.

De modo geral, a literatura recente sobre autismo e alfabetização converge para um ponto central: a aprendizagem da leitura e da escrita por estudantes com TEA não deve ser compreendida apenas a partir de limitações associadas ao transtorno, mas também a partir das possibilidades pedagógicas que emergem quando a escola se organiza de maneira inclusiva. Nesse sentido, a alfabetização inclusiva implica reconhecer a diversidade de processos de aprendizagem e desenvolver práticas pedagógicas capazes de atender às necessidades de todos os estudantes.

Assim, os estudos analisados indicam que o sucesso da alfabetização de estudantes autistas depende de uma combinação de fatores que incluem a mediação pedagógica do professor, a organização de ambientes de aprendizagem estruturados, o uso de estratégias didáticas diversificadas e a construção de uma cultura escolar baseada no respeito às diferenças. Esses elementos reforçam a importância de compreender a sala de aula como um espaço de investigação pedagógica, no qual a observação das interações entre os estudantes pode contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas mais inclusivas.

### **Episódios etnográficos da sala de aula**

A análise apresentada a seguir resulta de episódios vividos no cotidiano da sala de aula durante o desenvolvimento das atividades de alfabetização. Ao revisitar esses momentos, busco compreender como as interações entre as crianças e as práticas pedagógicas mediadas pela leitura literária possibilitam reflexões sobre diferenças de

aprendizagem e convivência. Os episódios descritos foram registrados em meus registros reflexivos após as aulas e posteriormente reorganizados como narrativas etnográficas da prática docente. Ao analisá-los, procuro identificar os significados produzidos pelas crianças em suas falas e interações, considerando que essas manifestações revelam interpretações sobre o ambiente escolar e sobre os processos de aprendizagem.

### **Quando a leitura vira conversa sobre diferenças.**

Em uma manhã de aula, apresentei aos estudantes o texto “Todos”, de Ruth Rocha. A escolha desse texto fazia parte de uma atividade de leitura voltada à discussão sobre diversidade e convivência. Antes de iniciar a leitura propriamente dita, mostrei aos alunos as imagens presentes no material didático, que retratavam diferentes pessoas com características físicas variadas.

Perguntei então:

— Essas pessoas são iguais?

A resposta veio de forma imediata e coletiva:

— Não!

Em seguida, fiz outra pergunta:

— E nós, somos iguais?

Nesse momento, percebi que a pergunta provocou um movimento interessante entre os alunos. As crianças começaram a se observar umas às outras. Algumas apontaram para os cabelos dos colegas; outras comentaram sobre a altura; outras ainda falaram sobre a cor da pele. A sala de aula se transformou rapidamente em um espaço de comparação e observação mútua. Cada criança parecia descobrir, naquele momento, que as diferenças estavam presentes também na própria turma.

A conversa parecia seguir um caminho previsível, centrado nas diferenças físicas entre as pessoas, quando um aluno disse algo que mudou o rumo da discussão:

— Professora, ninguém aprende igual.

A frase provocou silêncio por alguns segundos. Antes que eu respondesse, outro aluno completou:

— Aqui na sala tem colegas que aprendem diferente.

Essa fala me chamou atenção ao deslocar o foco da conversa das diferenças físicas para as diferenças de aprendizagem. As crianças não estavam apenas observando características externas entre si; estavam também refletindo sobre os diferentes modos de aprender presentes na turma.

Naquele momento, percebi que a atividade de leitura havia se transformado em algo mais amplo do que um exercício de alfabetização. O texto literário havia se tornado um ponto de partida para os alunos refletirem sobre a diversidade presente no cotidiano da sala de aula.

### **O ritmo da leitura.**

Algumas semanas após essa atividade, vivi outro episódio que reforçou minha percepção sobre a forma como as crianças interpretam as diferenças de aprendizagem. Durante uma atividade de leitura coletiva, cada aluno deveria ler uma pequena frase escrita no quadro. A proposta fazia parte do trabalho de consolidação da leitura.

Quando chegou a vez de um dos estudantes autistas, ele permaneceu em silêncio por alguns segundos. Observei que ele olhava atentamente para as palavras escritas no quadro, como se estivesse organizando mentalmente a leitura.

Antes que eu dissesse qualquer coisa, um colega comentou:

— Ele está pensando.

Outro aluno respondeu imediatamente:

— Ele sempre pensa primeiro.

A observação foi feita de maneira natural, sem qualquer tom de julgamento. Era simplesmente uma descrição do modo como aquele colega costumava se comportar nas atividades de leitura. Alguns segundos depois, o estudante iniciou a leitura e conseguiu ler a frase corretamente.



Assim que terminou, alguns colegas bateram palmas espontaneamente.

Esse pequeno gesto coletivo revelou algo importante sobre a dinâmica da turma. As crianças não estavam interpretando a pausa do colega como erro ou dificuldade. Ao contrário, pareciam compreender que aquele era o ritmo particular de leitura dele.

Ao registrar esse episódio em meu caderno de campo, percebi que a convivência cotidiana havia produzido entre os alunos uma forma de reconhecimento das diferenças que não se traduzia em exclusão, mas em aceitação.

### **A pergunta sobre aprender**

Outro momento significativo ocorreu durante uma atividade de escrita. Solicitei aos alunos que escrevessem uma frase sobre algo de que gostavam na escola. Enquanto caminhava entre as carteiras, observando os cadernos, um aluno levantou a mão e fez uma pergunta inesperada:

— Professora, aprender é igual para todo mundo?

A pergunta surgiu de forma espontânea e parecia refletir uma inquietação construída a partir das experiências vividas em sala de aula.

Perguntei então por que ele estava pensando nisso.

Ele respondeu:

— Porque tem gente que aprende rápido e gente que aprende devagar.

Antes que eu comentasse algo, outro aluno acrescentou:

— Mas todo mundo aprende.

A conversa que se seguiu foi breve, mas revelou uma percepção importante. As crianças estavam construindo suas próprias interpretações sobre o processo de aprendizagem.

Para elas, aprender não era um processo uniforme. Havia diferenças de ritmo, mas essas diferenças não significavam incapacidade.

### **Análise etnográfica das falas das crianças**

Ao revisitar esses episódios, percebo que as falas das crianças constituem importantes dados etnográficos sobre a cultura da sala de aula. Essas falas revelam

como os estudantes interpretam as diferenças presentes no ambiente escolar e como constroem significados sobre os processos de aprendizagem.

Quando um aluno afirma que “ninguém aprende igual”, ele está expressando uma percepção sobre a diversidade de trajetórias de aprendizagem presentes na turma. Essa percepção se aproxima da perspectiva sociocultural do desenvolvimento proposta por Vygotsky, segundo a qual o aprendizado ocorre inicialmente nas interações sociais para posteriormente ser internalizado pelo indivíduo. Como afirma o autor, “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro no nível social e depois no nível individual” (Vygotsky, 1991, p. 64).

Nesse sentido, as conversas entre os alunos podem ser compreendidas como momentos de construção coletiva de conhecimento sobre o próprio processo de aprendizagem.

Ao discutir as diferenças entre si, as crianças estavam também elaborando interpretações sobre o que significa aprender.

### **Literatura infantil e construção de valores**

A experiência vivida durante a leitura do texto “**Todos**”, de Ruth Rocha, evidencia o papel da literatura infantil como mediadora de reflexões sobre diversidade.

A literatura infantil possui a capacidade de abordar temas complexos por meio de narrativas acessíveis às crianças. Ao entrar em contato com histórias que apresentam diferentes personagens e experiências, os alunos podem refletir sobre suas próprias vivências e sobre as relações que estabelecem com os outros.

Nesse contexto, a leitura literária não se limita ao desenvolvimento de habilidades de decodificação da escrita. Ela também se constitui como espaço de construção de valores sociais. Essa perspectiva dialoga com a concepção de Paulo Freire sobre o processo de leitura. Para o autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1996, p. 11). Isso significa que aprender a ler envolve também interpretar a realidade social.

Ao trabalhar o texto de Ruth Rocha com meus alunos, percebi que a leitura abriu espaço para reflexões que ultrapassaram o conteúdo do texto. As crianças

passaram a falar sobre suas próprias experiências de convivência, comparando diferenças e refletindo sobre os modos de aprender presentes na turma.

Assim, a atividade de leitura literária tornou-se um momento de diálogo sobre diversidade e aprendizagem.

### **Considerações finais**

Ao chegar ao final deste estudo e pesquisa, revisito minha própria experiência docente e percebo o quanto o cotidiano da sala de aula pode se constituir como um espaço fértil de reflexão pedagógica. Ao longo da escrita, retornei a episódios aparentemente simples vividos no processo de alfabetização e compreendi que muitos dos acontecimentos que emergem nas interações entre as crianças carregam significados profundos sobre aprendizagem, convivência e diversidade.

A opção metodológica pela etnografia de si permitiu olhar para minha prática docente não apenas como exercício profissional, mas também como campo de investigação. Ao narrar e analisar episódios do cotidiano da sala de aula, pude reconhecer que o professor não é apenas mediador do conhecimento, mas também observador e intérprete das dinâmicas que se estabelecem no ambiente escolar. Nesse sentido, a reflexão sobre a prática torna-se uma ferramenta importante para compreender os processos educativos e para produzir conhecimento pedagógico a partir da experiência.

Os episódios analisados ao longo do artigo evidenciam que muitas aprendizagens significativas acontecem nos momentos de diálogo entre as crianças. As falas dos estudantes revelam percepções sobre o processo de aprendizagem que passam muitas vezes despercebidas na rotina escolar. Quando um aluno afirma que “ninguém aprende igual” ou questiona se “aprender é igual para todo mundo”, ele expressa uma compreensão intuitiva sobre a diversidade de trajetórias presentes no processo educativo.

Essas reflexões demonstram que as crianças conseguem perceber as diferenças de aprendizagem existentes na sala de aula e construir interpretações próprias sobre elas. A convivência cotidiana com colegas que possuem diferentes ritmos e modos de aprender, incluindo estudantes com Transtorno do Espectro

Autista, possibilita que os alunos desenvolvam formas de compreensão da diversidade que se baseiam na observação e na experiência compartilhada.

Nesse contexto, a sala de aula se revela como um espaço de aprendizagem que vai além da aquisição de habilidades linguísticas. O processo de alfabetização não se limita ao ensino da leitura e da escrita, mas envolve também a construção de relações sociais, o desenvolvimento da empatia e o reconhecimento das diferenças.

A literatura infantil desempenhou um papel importante nesse processo. O texto **“Todos”**, de Ruth Rocha, funcionou como um mediador simbólico que possibilitou abrir um diálogo sobre diversidade e convivência entre as crianças. A leitura literária permitiu que os estudantes se reconhecessem nas diferenças apresentadas no texto e estabelecessem relações com suas próprias experiências.

Esse aspecto reforça a importância da literatura infantil como recurso pedagógico no processo de alfabetização. Ao trabalhar com narrativas que abordam temas relacionados à diversidade, o professor cria oportunidades para as crianças refletirem sobre si mesmas e sobre os outros. A leitura deixa de ser apenas uma atividade técnica de decodificação da escrita e passa a se constituir como experiência de interpretação do mundo.

As reflexões desenvolvidas neste estudo também evidenciam a relevância da escuta pedagógica. Muitas vezes, as falas das crianças são tratadas apenas como manifestações espontâneas do cotidiano escolar, sem que seus significados sejam explorados. No entanto, quando o professor se dispõe a escutar atentamente essas falas, elas podem revelar aspectos importantes sobre as percepções que os estudantes constroem sobre a escola, a aprendizagem e as relações sociais.

Nesse sentido, a escuta das crianças torna-se um elemento fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais sensíveis às experiências dos alunos. Ao reconhecer que os estudantes também produzem interpretações sobre o processo educativo, o professor amplia as possibilidades de diálogo e construção coletiva do conhecimento.

Outro aspecto que merece destaque refere-se à compreensão da diversidade como característica constitutiva da sala de aula. A presença de estudantes com

diferentes ritmos de aprendizagem, incluindo alunos com Transtorno do Espectro Autista, desafia concepções tradicionais de ensino baseadas na ideia de homogeneidade. Em vez de considerar essas diferenças como obstáculos ao processo educativo, é possível compreendê-las como oportunidades para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas.

A análise dos episódios etnográficos apresentados neste artigo indica que a convivência entre crianças com diferentes modos de aprender pode contribuir para a construção de uma cultura escolar baseada no respeito às diferenças. As interações entre os alunos mostram que a diversidade de ritmos de aprendizagem não precisa ser interpretada como problema, mas pode ser compreendida como parte do processo educativo.

A etnografia de si permitiu transformar esses momentos em objeto de reflexão e análise. Ao narrar e interpretar minha experiência docente, compreendi que o cotidiano da sala de aula pode se tornar um espaço de investigação pedagógica. As interações entre os alunos, as perguntas inesperadas e as reflexões que emergem durante as atividades constituem dados importantes para compreender os processos de aprendizagem.

Assim, este estudo reforça a ideia de que a prática docente não se limita à aplicação de métodos e técnicas de ensino. Ela envolve também um processo contínuo de observação, reflexão e reconstrução das práticas pedagógicas.

Mais do que ensinar palavras, alfabetizar significa também aprender a conviver. Significa criar espaços nos quais as crianças possam dialogar, reconhecer suas diferenças e construir coletivamente formas de compreender o mundo.

Nesse sentido, a sala de aula se revela como um espaço de formação humana, no qual a aprendizagem da leitura e da escrita se articula com o desenvolvimento de valores relacionados ao respeito, à cooperação e à convivência com a diversidade. Ao finalizar este artigo, reafirmo a importância de reconhecer a experiência docente como fonte de conhecimento pedagógico. Ao narrar minha própria prática, procuro contribuir para a reflexão sobre os desafios e as possibilidades da alfabetização em contextos inclusivos.

**Referências**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLAT, Rosana. **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2013.

PLETSCH, Márcia Denise. **Educação especial e inclusão escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

RATUCHNE, Paloma A. O.; BARBY, Ana A. M. **Aprendizagem da linguagem escrita em estudantes com TEA**. Teoria e Prática da Educação, 2020.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROCHA, Ruth. **Todos**. São Paulo: Salamandra.

Recebido: 20/03/2026

Aprovado: 12/04/2026

Publicado: 30/04/2026.